

O “*BRAZIL-CENTRAL*” E SUAS POTENCIALIDADES NA REVISTA “*INFORMAÇÃO GOYANA*”

Andreia Silva Lisboa

Resumo: Na relação da História com a Imprensa, o campo de estudo da “História Por Meio da Imprensa”, englobando os trabalhos que tomam a imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica. Nesse sentido o presente trabalho tem como objetivo, apresentar os resultados parciais da pesquisa que propõe analisar a revista *A Informação Goyana*. Para tanto, primeiro faremos uma brevê exposição dos objetivos da nossa pesquisa a metodologia utilizada, em segundo, passaremos á primeira parte do trabalho que se constitui na apresentação da revista aqui analisada.

Palavras-chave: Goiás, Modernidade, Atraso, Identidade, Imprensa.

Abstract: In respect of history with the press, the field of study of "History Through the Press", encompassing the work that take the press as a primary source for historical research. In that sense this work has as objective, to present the partial results of research that aims at analyzing the magazine *A Informação Goyana*. For this, first we will make a brief statement of the objectives of our research methodology used in the second, we will first part of the work that is in the presentation of the magazine here analyzed.

Key-words: Goiás, Modernity, Delay, Identity, Press.

I

O presente trabalho pretende apresentar os resultados parciais da pesquisa que propõe analisar a revista *A Informação Goyana*. Para tanto, primeiro faremos uma brevê exposição dos objetivos da nossa pesquisa a metodologia utilizada, em segundo, passaremos á primeira parte do trabalho que se constitui na apresentação da revista aqui analisada.

Nesse sentido nossa pesquisa tem como objetivo perceber as estratégias de projeção do Estado de Goiás produzidas pelo grupo de intelectuais goianos nas páginas da *Informação Goyana*, editada no Rio de Janeiro entre 1917 e 1935. Dessa maneira o recorte temporal do trabalho justifica-se pelo período em que a revista foi editada e publicada, o que não nos impende de recorrer aos anos anteriores ou posteriores para melhor compreender as estratégias de projeção do Estado.

Partimos, assim, da hipótese geral que a revista *A Informação Goyana* se constituiu em um campo político – ideológico e, portanto teve como finalidade formar certa consciência sobre o *Brazil-Central*, mais especificamente sobre o estado de Goiás. Para tanto, seus articulistas defenderam ao longo de suas páginas a importância do Estado de Goiás, para o

desenvolvimento econômico, político, social e cultural do país. Com esse objetivo ela exaltava tanto as potencialidades econômicas, naturais das terras goianas como também sua cultura e sua história.

Além disso, ao exaltar as potencialidades do Brazil-Central, a estratégia principal dos articulistas de *A Informação Goyana*, para representar o Estado, era a construção de uma identidade moderna para os goianos. Assim objetivamos identificar nas páginas da revista os elementos constitutivos ou fundadores dessa identidade. Nessa perspectiva, para integrar Goiás a um projeto de nação moderna era preciso antes tudo identificar e mostrar, quem era a gente goiana, o que produzia economicamente, politicamente e culturalmente, com isso ressaltar suas potencialidades e possibilidades de contribuição para o progresso brasileiro.

O objetivo é, contudo, problematizar um tema já recorrente em nossa historiografia e que se relacionam as representações feitas sobre Goiás que naturalizaram algumas imagens e conceitos. Nessa luta de representações, a historiografia consolida certas percepções da região, fundada em dicotomias como; decadência / prosperidade, atraso / progresso, ou ainda, atraso / modernidade.

O tema da decadência foi assim elegido para entender a Província de Goiás no período da mineração, servindo de base para inúmeros estudiosos¹. Nesse sentido, ao longo da Primeira Republica, a representação da decadência toma forma do atraso, sobre o qual será construída toda uma interpretação histórica sobre Goiás. Nessa perspectiva entendemos atraso, como sinônimo de decadência. Posto que as duas expressões pertencem a um mesmo campo semântico do qual fazem parte as imagens da pobreza, isolamento, abandono, ruralização, ócio, preguiça, inaptidão para o trabalho, entre tantos adjetivos desabonadores, que, no conjunto, constituem a representação da decadência. (ASSIS, 2007, p.15).

Enfim, na análise dos discursos da revista a hipótese aqui suscitada é que apesar das representações do Estado fundadas nas idéias de decadência e de atraso da região, é que o discurso de modernidade percorre deste muito cedo a História de Goiás, e sempre é reivindicada em diferentes tempos históricos como estratégia de propaganda da região, ou estratégia política. Contudo, essa estratégia nos parece pouco eficaz na prática na medida em que sempre permanece ou é retomada.

Localizamos esse discurso de acordo com ASSIS (2007), nas páginas d'*A Matutina Meiapontense*, nas quais o autor percebe uma revolução simbólica contra o estigma da

¹ Ver, ASSIS, Wilson Rocha. A História da Decadência. In: Os Moderados e a representações de Goiás n' *A Matutina Meiapontense* (1830-1834)-Goiânia, 2007. p.15-30.

decadência. Podemos ainda pontuar o acontecimento da chegada dos trilhos em 1913, ou nas páginas d' *A Informação Goyana*, (1917-1935), e em outros órgãos da imprensa como a revista *O Lar* (1926-1932) ou ainda com a Revolução de 1930 e a inauguração da nova capital.

Além disso, um último e contemporâneo exemplo da continuidade desse discurso, o que justifica a importância de nosso trabalho, por tratar de um tema ainda recorrente em nossa trajetória atual, temos o slogan político do último governador do Estado de Goiás (1998-2006) “O TEMPO-NOVO”. Isto é, o tempo da modernidade e do progresso aqui representado pela reorganização administrativa e pela chegada nas cidades goianas de complexos industriais.

No limite a imprensa se constitui em um instrumento de manipulação de interesses e intervenção social. É importante para o historiador, estudar tal objeto como agente da história, identificando o movimento de idéias e personagens que circulam nas páginas da revista. A categoria imprensa se desmistifica, quando se fazem emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada nas práticas sociais. A análise de tal documento exige um constante diálogo com os personagens que atuaram, ou melhor, no nosso caso que escreveram ou colaboraram na constituição da revista analisada. (CAPELATO, 1988:21).

É importante também refletir sobre o cenário nacional em que a revista é idealizada e criada. *A Informação Goyana* surgiu em 1917, no fim da Primeira Guerra, conflito que teve importante repercussão no Brasil, pondo em discussão questões que pareciam adormecidas. Encaminhavam-se também os preparativos para a comemoração do Centenário da Independência, dando margens a uma série de estudos e análises dos problemas que a sociedade brasileira enfrentava.

Havia uma nítida preocupação de se discutir a identidade e os rumos da nação² brasileira. Todos tinham algo a dizer - políticos, militares, empresários, trabalhadores, médicos, educadores, mas também artistas e intelectuais. Como deveria ser o Brasil moderno? Por meio da literatura, das artes plásticas, da música, e mesmo de manifestos, os artistas e intelectuais modernistas buscaram compreender a cultura brasileira e sintonizá-la com o contexto internacional.

Assim, em agosto de 1917, um grupo de intelectuais formado no final do século XIX e início do XX editou *A Informação Goyana*, que circulou principalmente na capital federal,

² Para a discussão conceitual de nação ver ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo, Ática, 1989. p.66-72.

Rio de Janeiro, onde foi editada, em Goiás e nos principais Estados do país e em alguns países estrangeiros, até 1935. Teve um número expressivo de colaboradores, constituído por goianos. E seus principais foram Henrique Silva (1865-1935) e Americano do Brasil (1892-1932).

Definida em seu frontispício como “Revista mensal, ilustrada e informativa das possibilidades econômicas do Brasil Central”; *A Informação Goyana* trabalhou de modo rico e complexo as várias expressões de vida dessa região, dedicando especial atenção a Goiás. Os dirigentes de *A Informação Goyana* pretenderam inserir Goiás num circuito político de discussão do qual o Estado estava praticamente ausente e que pudesse ser discutido como possibilidade econômica, política e cultural.

É o que se observa no seu “artigo-programa”, escrito para o primeiro número, publicado em agosto de 1917. O texto apresenta com clareza, que o periódico não pretendia ser mais um órgão técnico no meio jornalístico em que se inseriu. Pretendia sim, ser um órgão temático especializado em *Brazil Central* (inter-land brasileiro), com fim político, informativo e de propaganda; enfim educativo. Assim demonstrou preocupação em relação á ignorância e o desinteresse da empresa da capital federal pelo estado de Goiás. Tomando para si não só a tarefa de preencher lacunas deixadas pela empresa carioca, como também de refutar as informações errôneas vinculadas sobre o Estado. Tornar o Estado conhecido, suas possibilidades econômicas aos olhos de investidores particulares e do próprio governo federal. (NEPOMUCENO, 2003:16).

Graças a esse esforço, não só os recursos naturais e as possibilidades econômicas da região ganharam divulgação, mas também a história de Goiás, seu folclore, seus costumes, suas lendas, sua literatura, a história de seus homens ilustres, a coragem de seus habitantes, o que reflete a busca por uma *identidade goiana* que para os intelectuais da revista seria imprescindível na constituição de uma identidade nacional. Para, além disso, o desejo maior era diagnosticar e contribuir para a solução dos problemas nacionais, em outros termos, o anseio maior era contribuir para a construção do progresso material e da nacionalidade brasileira.

Nesse sentido, esses intelectuais pretenderam construir uma “teoria” do Brasil Central, em especial de Goiás. A tarefa que se atribuíram foi a de descobrir, com base no conhecimento construído cientificamente o papel que Goiás teria de desempenhar no conjunto da nação brasileira. Isto é, cabia a eles contribuir cientificamente para remover o atraso e promover o progresso material de Goiás e ao mesmo tempo, integrá-la ás “mais prósperas zonas do paiz”.

Do ponto de vista metodológico, nos últimos anos se apresentaram uma série de trabalhos que utilizaram a imprensa como fonte documental da história. Esta se apresenta como uma fonte rica em dados e elementos, e para alguns períodos a única fonte disponível, permitindo, dessa forma, um melhor conhecimento social e das manifestações culturais, políticas de uma dada sociedade. (ZINCMAN, 1985:80).

Entendemos que a linguagem como discurso é interação, é um modo de produção social; ela não é neutra, na medida em que está engajada numa intencionalidade, e nem natural, por ser lugar privilegiado de construções de idéias e percepções de mundo. Consideramos dessa forma que os sujeitos que produziram ou escreveram na *Informação Goyana*, falam a partir de um determinado lugar, de um determinado tempo. Isto é, partem de um conjunto de representações de certo tempo e lugar histórico. Por tanto, a análise da revista nos traz alguns caminhos a serem seguidos. (BRANDÃO, 1991:12).

Primeiro uma caracterização dos principais elementos do órgão de empresa analisado. Segundo a análise de conteúdo do discurso veiculado. Nesse segundo ponto, o objetivo é desnaturalizar os discursos perceber as categorias que ordena e as possíveis omissões. Enfim a pesquisa pretende deixar aflorar as contradições, o diferente que subjaz a todo discurso. (BRANDÃO, 1991:92).

Nessa perspectiva, conhecer a história por meio da imprensa, pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado da fonte e reflexão teórica. Sem esses ingredientes corre-se o risco de repetir para o leitor, a história que a empresa conta. (CAPELATO, 1988:23). Para tanto, dois autores nos ajudam a traçar o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da fonte.

A discussão que Brandão (1991) analisa feita pelos autores franceses Foucault, Pecheux e Meinguiveau, do método de análise de discurso. De um modo geral nesse método, a fala do sujeito é situada em seu contexto para melhor ser compreendida, já que, a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realidade concreta. A linguagem é dessa maneira um lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico-social.

E a proposta de Renée Barta Zicman (1985), de Método de Análise do Conteúdo. Esse método consiste segundo o autor, num conjunto de técnicas e instrumentos metodológicos capazes de efetuar a exploração objetiva de dados informacionais ou “discursos”, fazendo aparecer no conteúdo, alguns elementos particulares que possibilitam a

elaboração de certo tipo de caracterização. Assim, um instrumento metodológico, polimorfo e polifuncional, que se caracteriza como um exercício de desocultação, no sentido de que fornece uma melhor “descrição” dos textos e permite avançar para além das significações primárias dos discursos e escapar dos perigos da compreensão espontânea. (ZINCMAN, 1985:80).

Com esses objetivos se torna importante primeiro fazer um estudo da revista aqui analisada para responder algumas questões centrais, como; o contexto histórico em que a revista surgiu, as raízes do pensamento teórico e científico dos intelectuais que escreveram em suas páginas, bem como as relações sociais e políticas de seus escritores e principais colaboradores. Assim, agora apresentaremos o que se configura como a primeira parte de nossa dissertação. O intuito aqui é apresentar a revista principiando uma análise de sua forma e conteúdo, respondendo ou mesmo levantando algumas questões importantes como: quando e como a revista surgiu? Quem foi seus principais escritores e colaboradores? Para quem foi escrita? Qual o seu público de leitores? Ou ainda, quais seus objetivos principais?

II

APRESENTAÇÃO DA REVISTA: A INFORMAÇÃO GOYANA EM ANÁLISE:

Em agosto de 1917 é publicado o primeiro número da revista *A Informação Goyana*, editada no Rio de Janeiro, por um grupo de jovens goianos, em sua maioria estudantes e residentes na Capital Federal. Segundo TAVARES (2007), a revista contou com a participação de uma diversidade de profissionais, em grande parte formada no Rio. Constituíam esse grupo tanto engenheiros, como, médicos, professores, religiosos, políticos, historiadores e militares, dentre outros.

Editaram sem interrupções entre 1917 a 1935 cerca de 210 fascículos distribuídos nos estados brasileiros e em alguns países. Nepomuceno (2003), ainda completa que nos primeiros cinco meses de circulação a revista foi redigida nas dependências do escritório da *Brazil- Ferro - Carril*³ e editada nas Oficinas Graphicas do *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, não ultrapassando a margem de 5000 exemplares por tiragem.

³ Revista quinzenal de transporte economia e finanças, publicada no Rio de Janeiro em 1910. Na qual Henrique Silva foi colaborador desde seu aparecimento, deixando-o para se dedicar a *Informação Goyana*. “Deixou de fazer parte do nosso corpo de colaboradores desta revista o Major Henrique Silva,..., motivou esse afastamento,..., ter elle que se dedicar mais intensivamente a “*Informação Goyana*” que , com alevantado intuito de prestar serviços ao seu Estado natal, recentemente fundou.”(Da *Brazil- Ferro – Carril*, nota publicada na *Informação Goyana* em fev. De 1918, p.84).

Nesse sentido, temos como criadores e diretores da revista Henrique Silva e Americano do Brasil. O primeiro nasceu em Bonfim, atual Silvânia, Goiás, no dia 18 de março de 1865. Era filho de Francisco José da Silva e Ana Rodrigues Moraes e Silva. Residindo no Rio de Janeiro, dedicou se ao jornalismo desde muito cedo publicando artigos de assuntos variados sobre o Estado de Goiás. (TELES, 1982). Nepomuceno (2003) acrescenta ainda que Henrique Silva além de escrever na *Brazil- Ferro – Carril*, já havia colaborado no jornal republicano escrito por Quintino Bocaiúva, *O Paiz*. Outros exemplos que podem ser enumerados são; *o Jornal do Comércio*, *o Diário de Notícias*, *o Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro; *o Correio do Povo*, *o Jornal do Comércio e a Tribuna do Povo*, no Rio Grande do Sul; e ainda *o Luctador Goyano* em Goiás.

Ele participou assim, da fundação de vários outros jornais com alguns companheiros e foi membro de várias sociedades científicas brasileiras. Além de suas atividades como jornalista, Silva deixou uma variedade de obras publicadas entre 1898 e 1915, sobre diferentes assuntos referentes ao *Brazil-Central*⁴ em especial o estado Goiás.

Segundo TAVARES (2000), Henrique Silva participou de várias comissões de levantamentos e estudos de viabilidade para maior “interiorização” do país, incluindo a *Comissão Cruls*⁵. O que pode ser considerado uma motivação para que Henrique fundasse *A Informação Goyana*, e colocar Goiás na discussão nacional, como uma potencialidade promissora.

Em 21 de maio de 1935, morre Henrique Silva. O ultimo numero da revista, que também desapareceu junto com seu fundador, foi praticamente dedicado todo a ele. (NEPOMUCENO, 2003:62). É claro o lamento pelo falecimento do Major Henrique Silva e o reconhecimento da obra que deixou em favor de Goiás e suas riquezas, é que podemos observar nesse trecho escrito por Luiz Mendes, em maio de 1935:

“More Henrique Silva com 70 anos de idade, ..., tendo dedicado meio século de sua vida á propaganda e á grandeza do seu Estado Natal.A Sua morte dá- me a impressão de um gigante que tomba, de uma extraordinaria luz que se apaga...E commigo toda Goyas se agita, em todos os sectores intellectuaes, porque não ha quem não seja immortal, desapareceu a mais abnegada incarnaçãodo homem necessario á Patria.”(A INFORMAÇÃO GOYANA, maio de 1935, p.1919).

⁴ Quando falamos *Brazil-Central*, nos referimos ao interior brasileiro do qual Henrique Silva e Americano do Brasil concordavam que carecia de atenção nacional, aqui exclui o estado do Mato Grosso. Mas a ênfase em especial ao Estado de Goiás é nitidamente notada.

⁵ Em 1892 a Comissão Exploradora do Planalto Central foi constituída sobre a presidência do engenheiro belga Luiz Cruls, que residia no Brasil. A essa comissão coube estudar, reconhecer e delimitar a área em que deveria ser edificada a futura Capital Federal do Brasil.(*A Informação Goyana*, 15 de dezembro de 1919, p.59 e 60).

Por sua vez, Antônio Americano do Brasil⁶ sobrinho neto de Henrique Silva nasceu em 1892 nos arredores de Bonfim (Silvana) morou em Santana das Antas (Anápolis). Mudou-se aos 18 anos em 1911 para o Rio de Janeiro onde cursou Medicina na Faculdade de Medicina Praia Vermelha. Ele manteve uma coluna no Jornal “Imparcial”, sobre as dificuldades relativas à língua portuguesa, o que mostra sua atuação desde cedo como jornalista. Quatro anos depois voltou a Goiás para se recuperar de uma infecção pulmonar e só retoma seus estudos no Rio de Janeiro em 1916. Assim em 1917 com Henrique Silva funda a “*Informação Goiana*”, dedicada aos interesses de Goiás.

Em 1918 Americano do Brasil retornou a Goiás assumindo a Secretária de Estado dos Negócios do Interior e da Justiça, fazendo circular em maio, após 18 anos de interrupção, o “*Correio Oficial*”. Ele conseguiu reunir nessa época, grande parte de documentos oficiais dentro de sua secretaria, publicando uma série de artigos sobre fatos da História de Goiás no “*Correio Oficial*”. Para, além disso, ele foi nomeado Tenente Médico do Exército em Vila Boa, e incumbido da tarefa de redigir para o IHGB⁷ um resumo da História de Goiás, abrangendo o período de 1722 a 1889. Podemos dizer que talvez a maior vocação de Antônio Americano tenha sido a história, além disso, também era poeta, folclorista, jornalista (aqui sendo colaborador em vários jornais tanto no Rio de Janeiro e em Goiás) e político.

Americano do Brasil morreu assassinado em 1932, em Santa Luzia, pelo ex-aluno de seu genitor Aldrovando Gonçalves, de 26 anos, como noticia em primeira capa a *Informação Goyana* de Abril de 1932:

“Registramos o acontecimento tragico, fazemol- o com immenso pezar que nos causou o desaparecimento de um collaborador insigne da “Informação Goyana”, e também com a esperança de que o sicário que o cortou o fio dessa existência tão preciosa á sua pátria encontre a rigorosa punição que merece. Henrique Silva.”(A INFORMAÇÃO GOYANA, abril de 1932, p.1640).

Nesse sentido, essa pequena biografia apresentada dos criadores e fundadores da revista, nos mostra o que vai ser a *Informação Goyana* ao longo de suas edições. O que percebemos de comum nessas trajetórias é a preocupação contínua em apresentar ao Brasil e aos próprios goianos as riquezas naturais, culturais, econômicas e sociais de Goiás. Para tanto, eles atuaram no meio jornalístico, escrevendo ou ajudando a fundar vários jornais tanto nas terras

⁶ Ver BRASIL, Americano. Pela História de Goiás; introdução seleção e notas de Humberto Crispim Borges. Goiânia, Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1980.

⁷ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

goianas como na Capital Federal. Também deixaram outras obras de âmbito literário e histórico que retratam de forma otimista o *Brazil Central* e seus valores.

Henrique Silva e Americano do Brasil mantinham dessa forma relações com um grupo de goianos que residiam e estudavam no Rio de Janeiro e contribuíram na construção da revista. Assim tanto Hugo de Carvalho Ramos como seu irmão Victor de Carvalho Ramos estudavam direito no Rio de Janeiro, quando surgiu *A Informação Goyana*, faziam parte, portanto, da colônia de goianos que moravam na capital federal, um dos locais onde Henrique Silva buscou recursos humanos e materiais para compor a revista.

Ainda, eles publicaram textos dos prosadores e poetas do estado de Goiás, como os escritos de Hugo de Carvalho Ramos e os de Cora Coralina, poetisa que só ganharia projeção muitos anos depois. Além de vínculos familiares e laços profissionais eles são também responsáveis pela aglutinação dos colaboradores em torno da proposta da revista laços de amizades. Olegário Pinto, Americano do Brasil, e Ayres da Silva, por exemplo, além de jornalistas, eram também políticos da época em que circulou a revista, defendendo os interesses de Goiás tanto no senado como nas páginas da *Informação Goyana*. (NEPOMUCENO, 2003, P.99).

Antônio Azevedo Pimentel foi o colaborador que mais teve matérias publicadas, depois de Henrique Silva, escreveu no periódico de 1917 a 1921, sendo fundamental na consolidação do periódico. Ele era médico higienista, foi aluno e mais tarde professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Pimentel participou também da *Comissão Cruls*, da qual Henrique Silva fazia parte.

Para, além disso, ainda se identificam certos colaboradores que apesar de não terem escrito na revista como articulistas, apoiaram sua proposta e foram alguns de seus patronos. Tratam assim de personalidades conhecidas nos circuitos culturais, sociais e políticos nacionais, como: Leopoldo de Bulhões, Guimarães Natal, Capistrano de Abreu, dentre outros, que foram de grande importância para a consolidação da revista no início de sua história.

Assim, esse conjunto de goianos traçou objetivos claros no primeiro número publicado em 15 agosto de 1917, para a revista:

“... tornar melhor conhecidos de nós mesmos e dos estrangeiros o seu saluberrimo clima , as suas riquezas extraordinárias , as suas fontes de vida, as suas possibilidades econômicas – como também refutar com factos e algarismos exactos as apreciações injustas que tantas vezes em livros e imprensa se tem propalado acerca da terra goyana...”(A INFORMAÇÃO GOYANA, jan. 1917, p.1).

A tarefa que os articulistas da *Informação Goyana*, tomam para si é de apresentar o Estado de Goiás tanto para os brasileiros de modo geral como também para os próprios

goianos. Assim, um papel educativo, formador de opinião sobre o que o Estado tinha a oferecer para o conjunto do país.

Desta forma, Collemar Natal e Silva um dos articulistas da revista publica em agosto de 1930, um artigo com o título, “O dia da Informação Goyana”, no qual comemora os 14 anos de existência da revista. O articulista relembra a alegria do aparecimento na imprensa carioca de um órgão dedicado aos interesses de Goiás, e o seu sucesso durante esses anos em apresentar o que de melhor possui o Estado de Goiás.

“... quanto a geographia, historia, fauna, flora, pecuária, lavoura ethnographiaclima, enfim, possibilidades, conquista e riquezas nativa e tudo o que se refere à evolução social e moral de nosso berço querido”.(A INFORMAÇÃO GOYANA, Agost. 1930 p.1492).

Natal e Silva exaltam ainda a figura de Henrique Silva, e sua constante luta em projetar Goiás e suas possibilidades. Portanto é importante perceber que além de divulgar as possibilidades econômicas, cada número da revista aborda vários outros assuntos referentes à fauna, a flora, a história de Goiás, a literatura, ao folclore, enfim, tudo que o revelasse. Contudo, não podemos deixar de perceber o ufanismo e o exagero, quase sempre acrítico, dos escritores da revista, isto é, um discurso intencionalista, com objetivo claro de projetar uma imagem positiva do Estado.

Sobre a origem da *Informação Goyana*, Nepomuceno (2003), nos remete aos primeiros anos da República. No fim do século XIX e início do XX, a autora mostra que houve três tentativas de criação de um Centro Goiano de propaganda das possibilidades de Goiás na Capital Federal. Essas tentativas foram projetadas no interior da Escola Militar da Praia Vermelha, onde Henrique Silva estudou bem como muitos outros escritores da *Informação Goyana*. Embora não tenham alcançado muito êxito, a primeira resultou na publicação da revista *BRAZIL CENTRAL*, definida pelos seus criadores, como “Revista mensal consagrada aos interesses de Goyas”. Essa revista teve Henrique Silva, Olegário Pinto e Cânsio Pova como redatores e divulgou no seu único número no dia 15 d abril de 1891, onze matérias.

Nos objetivos centrais, dessa única publicação, podemos encontrar vários pontos de identificação com *A Informação Goyana*. Ambas declaram que foram criadas para divulgar as possibilidades econômicas de Goiás. Argumentam também que o Estado era parte de uma área desconhecida e ignorada pelas autoridades políticas do país. Contudo seus interesses convergiam, em tornar conhecidas as riquezas naturais do Estado, indicar e descrever o local onde poderiam ser encontradas e, mais que isso, chamar a atenção das autoridades políticas e

dos capitalistas para o estudo e, ao mesmo tempo, a exploração dessas riquezas. (NEPOMUCENO, 2003:35).

Nesse sentido é importante ressaltar que a *Informação Goyana* trouxe em suas páginas temas variados sobre o Estado de Goiás. A maior ênfase era dada aos aspectos econômicos da região. Evidenciado assim, suas possibilidades econômicas por meio de características geográficas favoráveis e a variedade de recursos naturais que oferecem diferentes atributos que poderiam ser explorados economicamente. Um exemplo disso são os artigos que Henrique Silva escreve primeiro sobre a “Arvore e Papel”⁸ (*Lasyandra papyrifera*) encontrada em Goiás e sua importância econômica para o Estado. Segundo, o artigo sobre “A Palmeira Burity”⁹ apresenta como uma das palmeiras mais “belas e úteis do Brasil”, da qual pode extrair vários produtos como óleo.

Nem por isso, *A Informação Goyana*, pode ser considerada uma revista exclusivamente econômica. Outros temas aparecem como história, política, educação, literatura, imprensa, saúde, geografia, população e comunicação, tornando assim Goiás conhecido em diferentes formas de vidas de seu povo. Enfim, uma revista regionalista, no sentido de que procurou expressar um “excessivo interesse e amor pela própria região” (BOBBIO, MATTEUCCI & PASQUINO, 1991, P.1084).

A *Informação* tratou assim, de forma ampla, da fertilidade do solo goiano, dos seus recursos naturais, incluindo aí o reino animal, vegetal e mineral. Das atividades econômicas, especialmente a pecuária, a agricultura, a indústria artesanal e o comércio. Apesar de não ser uma revista oficial, também trouxe em suas páginas mensagens e relatórios do governo do Estado destinados a Assembléia Legislativa, bem como, discursos das autoridades locais, em diferentes eventos e ocasiões, além de reproduzirem decretos e outros atos oficiais. Dessa forma apesar de se dizer apolítica, e neutra, é claro os indícios, de que com o tempo a revista tenha se tornado órgão oficioso do governo estadual. (NEPOMUCENO, 2003:49, 50).

O que vale apontar que a revista foi mantida por anúncios pagos no início. Anúncios apresentados antes do editorial ora ocupando três, ora duas páginas iniciais. Os principais anunciantes foram: “Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo-fabricante de machinas aperfeiçoadas”; “Casa de Saúde Dr. Eiras”; “Gotas Estimulantes”; “Externato Murell da Silva”; “A Avicultura” “Hotel Avenida”; “185 e 139 Loterias e Comissões”;

⁸ A Informação Goyana , 15 de Setembro de 1917. p.31.

⁹ A Informação Goyana , 15 de Setembro de 1917. p.34.

“Companhia e Loteria Nacional” e a “Sociedade Nacional de Agricultura”, que permaneceram durante todo o primeiro ano. (TAVARES, 2007: 336).

Esses anúncios foram desaparecendo, a partir de 1921, ficando apenas o subsídio do governo de Goiás, embora pequeno, foi fundamental para a manutenção da revista. O restante dos recursos vinha de poucos anúncios, assinaturas, de doações da colônia de goianos residentes no Rio de Janeiro além do próprio bolso de Henrique Silva. (TAVARES, 2007: 336; NEPOMUCENO, 2003:50).

Em relação a sua circulação e seu público leitor algumas características da revista trazem elementos relevantes, considerando o material no qual trabalhava relatórios presidenciais, relatos de viajantes e estudos técnicos. Seus colaboradores chegavam a usar de citações na língua original das fontes consultadas, principalmente em francês, inglês, alemão e espanhol. Assim essa atitude e a linguagem técnica utilizada exigiam muita erudição de seu leitor, o que mostra de certa forma também a erudição daqueles que escreviam.

O que nos leva a considerar que o público alvo para leitores da revista era muito seletivo, e a pretensão era atingi – lo no maior raio possível. O objetivo de tornar o Estado de Goiás conhecido em suas possibilidades e refutar os fatos injustos que são publicados sobre o Estado, atingia aos políticos, aos homens de negócios, bem como a imprensa da época.

Nepomuceno (2003), ainda acrescenta que *A Informação Goyana* tinha poucos assinantes. Suas publicações eram doadas e permutadas com várias instituições importantes. Aumentando dessa forma, o âmbito de circulação da revista e demonstrando o tipo de leitor erudito que teve como alvo. Por meio dessas trocas a revista chegou a vários Estados do país e no exterior. Um exemplo dessas permutas aparece no artigo intitulado “A Informação Goyana no país e no estrangeiro” de novembro de 1917 “*Continuamos a receber em permutas tanto revistas como jornais do Brasil, da Europa e das duas Americas.*”. Henrique Silva menciona ainda os nomes de dois jornais americanos que recebem *A Informação Goyana* e escreveram muito bem a respeito, os nomes são “*O Boletim Pan - Americano*” e o argentino “*Boletim da Camara do Commercio Argentio Brasileña*”. Do Brasil, fala do intercâmbio com jornais do Triângulo Mineiro; “*Lavoura e Commercio*” “*Gazeta de Uberaba*” e “*Araguary*”.

A revista também mantinha correspondentes em várias partes do território goiano, na capital do Estado, nas cidades de Formosa, Ipameri, Bonfim (Silvânia), Roncador, Natividade, Porto Nacional, Catalão, Santa Luzia (Luziânia), Corumbá, Bella Vista, Jaraguá, Barcirros, Currealinho e Uberaba. (*Informação Goyana*, maio de 1918.p.51).

Mantendo boas relações com a imprensa carioca, que fazia referência a ela tanto em texto publicados como em correspondência para sua redação. No artigo comemorativo do aniversário em agosto de 1928, Henrique Silva começa agradecendo as referências que a imprensa da Capital federal, faz em relação ao décimo segundo ano de existência da *Informação Goyana*. E registra as notas, veiculadas no “Jornal do Commercio”, “O Paiz”, “Brazil- Ferro- Carril” e “O Jornal”:

“... Completa agora doze annos de existencia “A Informação Goyana”, fundada e dirigida superiormente pelo Sr. Major Henrique Silva , que affirma , muito bem, ser a sua revista o repositorio mais completo do que ha sobre Goyaz na historia, na geographia,na fauna,na flora,na pecuaria,em lavoura,na athnographia do clima etc...” “Jornal do Commercio”(Informação Goyana, Agos.1928 p.)

“A Informação Goyana – Entrou no seu 12º anno de existencia a “Informação Goyana”, que se publica nessa capital, sobre a competente direcção do major Herque Silva, nosso prezado collega de imprensa e incansavel propugnador das grandezas e das possibilidades economicas do Estado. Os nossos parabens ao brilhante confrate.” “Brazil- Ferro- Carril” (Informação Goyana, Agos.1928 p.)

“A Informação Goyana – Com o numero que temos á vista,entra no 12º anno de uma trajectoria de publicidade da “ A Informação Goyana”, mensaria que se edita nesta Capital, sobre direcção do major Henrique Silva. Mantendo a linha rectilinea, do programma traçado em seu primeiro numero,as columnas desse mensario constituem o melhor repositorio de dados informações historicos,geogrphicos,das possibilidades economicas e da evolução industrial e commercial do Estado Central, de que formou sua denominação..” “ O Jornal” ”(Informação Goyana, Agos.1928 p.).

É importante perceber que em todos os fragmentos as congratulações ao décimo segundo aniversário da revista são dadas também ao major Henrique Silva pelo seu empenho em divulgar as riquezas econômicas, históricas e geográficas, naturais e comerciais de Goiás. O que aponta também a importância do mentor e criador da *Informação Goyana* na imprensa carioca.

Nesse sentido, o saber sobre Goiás construído nas páginas desse periódico, caracteriza também o momento vivido por seus escritores e colaboradores e sua formação. Com intuito de atender um público específico que poderia investir nas possibilidades do *Brazil-Central*, a revista procura tornar conhecidas as coisas relacionadas ao estado de Goiás, e refutar “com factos e algarismos exactos” as aparições injustas sobre o Estado em livros e na própria imprensa carioca.

Para tanto utilizou de três tipos de fontes: os relatórios dos viajantes que visitaram Goiás no século XIX, os relatórios dos presidentes de províncias e os estudos técnicos desenvolvidos *in loco*. (NEPOMUCENO, 2003:54.). Nessa perspectiva, primeiro vamos investigar as raízes da formação desse grupo de jovens goianos e o momento em que criaram

a revista para compreender a forma que construíram todo o conteúdo sobre Goiás nas páginas da revista.

AS RAÍZES DO PENSAMENTO TEÓRICO E CIENTIFICO DE SEUS ESCRITORES:

Compreender o período de formação superior dos escritores da *Informação Goyana* e o momento em que a revista foi editada no Rio de Janeiro é uma tarefa importante em nossa pesquisa. Herschmann e Pereira (1994)¹⁰ analisam o projeto paradigma /moderno¹¹ que se desenhou com ênfase especial na virada do século XIX para o XX, configurado com bastante clareza ao longo dos anos 1920 e 1930 no Brasil.

A preocupação era de reexaminar os discursos que conduziriam à modernidade¹² como projeto a partir dos anos 1920 e 1930. Para tanto retomamos o período de 1870-1937 para repensar o moderno a partir da explicitação de sua crise na contemporaneidade, examinando, entre outros aspectos, as formas do saber técnico-científico, especializado (medicina, educação e engenharia), que se constituíram nas bases do paradigma moderno. O que nos atenta nessa discussão primeiro é o período que os autores vão caracterizar como “Modernização a Européia”, que vai de 1870 a 1920, o que seria momento da formação do

¹⁰ HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto M. O Imaginário moderno no Brasil. In: HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto M. (org). A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia no Brasil nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

¹¹ “Paradigma/ moderno” entendido não ainda como um rígido modelo mas como um conjunto de procedimentos, de hábitos internalizados, de questões/problemas capazes de mobilizar e de orientar as reflexões de uma época ou de uma geração. (Herschmann e Pereira, 1994:11).

¹² Refletindo sobre a construção mais genérica da noção de modernidade, os autores, se remetem em especial as últimas décadas do século XIX, no qual idéias como novo, progresso, ruptura, revolução e outros nessa linha fazem parte não só do cotidiano dos agentes sociais, mas principalmente caracteriza o imaginário, o discurso intelectual e os projetos de intervenção junto à sociedade. Assim, é exatamente a estas idéias que as noções de “moderno” ou de “modernidade”, vão se afirmando nesse momento de aceleração de industrialização e de consolidação internacional do capitalismo. Citando Le Goff, em “Antigo/Moderno”, os autores enfatizam que o par antigo/moderno vai sofrer profundas transformações com a revolução industrial na segunda metade do século XIX e no século XX. O aparecimento do conceito de “modernidade” como reação ambígua da cultura á agressão do mundo industrial na segunda metade do século XIX, e no século XX a generalização no Ocidente. A introdução da idéia de modernização em outros lugares além da Europa, em países desenvolvidos e atrasados resultado do contato com o mundo Ocidental. Nesse sentido, um novo conceito que aparece e se impõe no campo da criação estética, das mentalidades e dos costumes: a “modernidade”. Moderno, modernidade, modernismo ou mesmo modernização são categorias específicas, que vão ocupando espaço no campo intelectual, constituindo em palavras de ordem no século XX. No Brasil isso é verificado, especialmente ao longo dos anos 1920 e 1930, quando afirmar – se moderno significa, por exemplo, e antes de qualquer coisa, tentar assumir um lugar prestigiado no debate científico e artístico, expressando assim, uma sintonia com determinado conjunto de questões “modernas”, mas nem sempre claras ou compreensíveis aos sujeitos sociais envolvidos. (Herschmann e Pereira, 1994:14, 15).

pensamento teórico e científico dos escritores e colaboradores da *Informação Goyana*, e o começo de suas publicações.

Já o segundo período que Herschmann e Pereira (1994), analisam é o de 1920 a 1937, caracterizado, segundo os autores, como o momento da construção de uma modernidade “nativa”. Esse seria então outro ponto importante a ser investigado, por ser o cenário em que a revista aqui analisada é criada e editada na Capital Federal, entre 1917 a 1935. Respeitando as devidas diferenças de datas, esses autores tratam das décadas de 1920 e 1930, grande parte do período em que a *Informação Goyana* foi editada, trazendo em suas páginas os reflexos do contexto que estava vivenciando seus autores.

Na passagem do Império para República temos o surgimento de uma nova geração de literatos “A Geração de 1870”¹³, constituída de militares, membros do clero e alguns literatos, eles eram cientificistas marcados pelas idéias liberais e por uma vontade de transformar radicalmente as estruturas sociopolíticas e econômicas, defendendo a abolição da escravidão e a proclamação da República. Entretanto, cedo essa geração se desilude com a implementação do projeto republicano que termina com uma relação tensa entre os militares e as oligarquias regionais. (Herschmann e Pereira, 1994:20, 21).

Isso porque o fim das instituições Imperiais não se caracterizou o fim dos valores vigentes nesse período, mantendo muito da velha sociedade excludente e hierarquizadora. Contudo, tanto esses cientistas como os membros da elite política promoviam nesse momento a necessidade de “reformular”, “regenerar”, “Civilizar” a sociedade e o país. E o ponto de referência era uma modernização “à européia”, a busca estar em pé de igualdade com a Europa. O estado republicano estava preocupado em impor uma racionalidade correspondente às transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa nas últimas décadas do século XIX. (Herschmann e Pereira, 1994:23, 26).

No Brasil do século XIX surge um conjunto de valores e modelos que a elite dirigente desejava incorporar como referências para a sociedade. Eram inspirados nos modelos puritanos, ascéticos e europeus ganhando corpo nas reformas sanitárias, pedagógicas e arquitetônicas deste século. As palavras de ordem eram então de “civilizar-se”, o mais rápido possível para competir com o mercado internacional. O modelo tomado era a Europa que

¹³ HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto M. O Imaginário moderno no Brasil. In: HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto M. (org). A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia no Brasil nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, p.21.1994.

impunha valores e códigos sociais para o país, um cotidiano e uma cultura que iria caracterizar o conjunto de vida na modernidade.

Outra característica importante que esses autores nos trazem é a discussão sobre que modelo de República que foi implantado, implicando no seu desdobramento sobre a cidadania e a liberdade dos indivíduos. Herschmann e Pereira (1994) destacam que se opta pelo modelo militar do progresso e pela “*estatania*”, no qual os indivíduos nos primeiros anos da república não eram cidadãos e sim sujeitos, orquestrados, isto é, subjugados à ação orquestrada do Estado.

A questão era a relação entre o público e o privado e ou individuo e comunidade. Vários políticos identificavam, como fator fundamental, a “incapacidade dos brasileiros de se organizar coletivamente”, faltava segundo eles certa “dosagem” de individualismo anglo – saxão. A dificuldade era então definir qual tipo de liberdade atribuir à sociedade brasileira, uma questão de cidadania. Nesse intuito a proposta positivista se mostra bastante atraente. Ou seja, os intelectuais daquele período acreditavam que a “nação” tão almejada seria alcançada do “alto para baixo”, em outras palavras, a “nação” no discurso positivista personificava-se no Estado. (Herschmann e Pereira, 1994:25, 26).

Dessa forma temos a participação ativa segundo os autores do positivismo como um “método” que permitiu a “invenção” do “Estado – Nação” republicana. A proposta positivista que teve mais difusão e força neste período foi aquela apresentada pelas idéias de Augusto Comte¹⁴. Os discursos passam a ser dos especialistas/cientistas, os quais passam a promover uma perspectiva cronológica, a constituição de uma nova linguagem moral e política de justificação do poder.

Para Martins (1989), o positivismo foi adotado nesta época como rótulo de uma conduta ideal de oposição á monarquia. Assim, a doutrina positivista, baseada nas ciências exatas, no conhecimento racional, e pregando a Ordem e o Progresso, prestava – se idealmente para contrapor ás especulações do romantismo e do idealismo característico do Segundo Império e

¹⁴ “Positivismo” é o nome atribuído por Auguste Comte (1798-1957) a seu sistema filosófico, que pode ser sintetizado em três partes: Primeiro, uma *filosofia da história* baseada na “lei dos três estados”. O segundo ponto da filosofia de Comte é a *classificação das ciências*, em uma escala que se inicia por aquele cujo objeto é o mais simples e indeterminado até aquele cujo objeto é inversamente o mais complexo e específico, aqui na sociologia divide-se em uma estática social, que estuda as condições constantes da sociedade, *a ordem*, e uma dinâmica social, que estuda as leis de seu desenvolvimento, *o progresso*. O terceiro e último ponto da filosofia comteana é a reforma das instituições promovida pela elite científico-industrial, que se daria através da reforma intelectual do homem. Para a maior discussão da filosofia Comteana ver CASTRO Celso. Os Militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

para justificar o autoritarismo. A autora ainda identifica que, uns dos pólos de difusão do positivismo foi a Escola da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, pelas aulas do professor republicano Benjamin Constant Botelho de Magalhães, a partir de 1870.

Considerando que o projeto original da *A Informação Goyana* foi desenvolvido desde o fim do século XIX no interior da Escola Militar da Praia Vermelha, quando Henrique Silva, seu mentor intelectual, Olegário Pinto, J.J Curado e outros que nela escreveram freqüentavam essa escola e vivenciavam toda essa efervescência positivista, se torna relevante conhecer um pouco dessa instituição de ensino e sua influência para esses que, reivindicavam para si a tarefa de tornar “corretamente” conhecida, a terra goiana.

A partir da década de 1870, os filhos das famílias abastadas de Goiás começaram a rumar para os centros culturais do país com a finalidade de completarem a formação intelectual iniciada em sua terra natal. O que ocorreu com grande parte dos colaboradores da *Informação Goyana*. Os principais fizeram sua formação no Rio de Janeiro, na Faculdade de Medicina e na Escola Militar da Praia Vermelha onde estudaram Henrique Silva e seus principais colaboradores. (NEPOMUCENO, 2003:69).

Segundo Nepomuceno (2003), a maior parte dos oficiais formados depois da Guerra do Paraguai (1864-1870), formou-se na Escola Militar da Praia Vermelha, que evoluiu da Real Academia Militar, fundada pelo príncipe D João, em 1810. A criação dessa instituição que, por muito tempo formou engenheiros civis e militares, está assim inserida numa conjuntura mundial e nacional de criação de escolas de ensino superior. A autora ainda acrescenta que as escolas militares da França, da Prússia e dos Estados Unidos datam dessa época. No Brasil, nas décadas de 1810e 1820, surgiram a Real Academia dos Guardas-Marinhas (1808), as escolas de Medicina do Rio de Janeiro (1813) e de Salvador (1815), a Academia de Belas Artes (1820), e o Curso de Direito de São Paulo e Olinda (1827).

Celso Castro (1995) faz um levantamento da procedência dos oficiais da Escola Militar da Praia Vermelha na Proclamação da República, os resultados são que 66,7% tinham nascido no “Norte”, que compreendem as regiões Norte, Nordeste e Centro - Oeste, e 33,3% vinham do “Sul”, isto é, do resto do país. Entre os estados mais representados estão, o Rio Grande do Sul e o Maranhão com 16,7%, o Rio de Janeiro, Bahia e Sergipe com 10% cada. O autor então destaca que a Escola Militar atraía pessoas de todos os estados, o que é mencionado nos livros de memória de militares da época e que a caracterizou em uma escola superior de acesso mais democrático nas últimas décadas do Império e nos primeiros anos da República.

Além de torna-se um elemento simbólico importante, para a afirmação do caráter nacional do corpo de oficiais do Exército.

As origens dessa Escola se localizam no deslocamento da Escola Militar da Corte que, com o objetivo de separar o ensino profissional militar do ensino de engenharia civil, partiu – se de em 1855, dando origem à Escola Militar e de Aplicação do Exército, que era de ensinamentos práticos e localizados na Fortaleza de São João até 1857, quando foi transferida para a Praia Vermelha, já com o nome de Escola Militar, e a Escola Central de estudos teóricos que se transferiu, em 1874, para o Ministério de Império com o nome de Escola Politécnica, destinada apenas à formação de engenheiros civis. Fechada durante a “Guerra do Paraguai” a Escola Militar da Praia Vermelha foi reaberta no mesmo ano de 1874, monopolizando todos os estudos militares superiores, inclusive os de engenharia militar (CASTRO: 1995.42,43).

Castro (1995) ainda acrescenta que na prática, a separação entre ensino militar e civil foi menos real, isso se explica principalmente após a entrada na Escola Militar das doutrinas “cientificistas”¹⁵ que irromperam no contexto intelectual brasileiro. Doutrinas como o positivismo e o evolucionismo e movimentos sociais e políticos como o abolicionismo e o republicanismo, circulavam no Brasil desde os meados do século XIX, se acentuando no final do século, perpassando todos os centros acadêmicos de ensino superior.

Contudo a única escola que foi marcada profundamente pelo pensamento positivista de Auguste Comte foi a Escola Militar da Praia Vermelha, principalmente após o ingresso do professor de matemática do curso superior, Benjamin Constant em 1872. Juntamente com Roberto Trompowsky, seu repetidor a partir de 1877, o ensino de matemática do primeiro ano do curso superior passou a ser pautado pelo ensinamento de Comte. A presença do pensamento positivista durou assim até 1904, quando a escola foi fechada. (CASTRO: 1995.66).

Castro ainda esclarece que apesar da influência de Benjamin e Trompowsky o positivismo não era predominante no conjunto de professores. Em 1881 só 13% do corpo docente da Escola Militar da Praia Vermelha eram positivistas, em 1886 se constituía em 16%. Entre os alunos, porém, a doutrina era muito disseminada, principalmente nos diversos grêmios de alunos, em atividade fora da sala de aula, em palestras “cientificistas e literárias”.

¹⁵ No Brasil, o cientificismo não foi exclusivo dos jovens militares “científicos”. Ele também se desenvolveu nas escolas de direito e medicina. Mas nunca foi tão hegemônico, como na Praia Vermelha, nem utilizava tão claramente como elemento constitutivo da identidade social de um grupo. O autor utiliza assim, o termo “cientificismo”, no sentido de uma supervalorização da ciência, isto é, reconhecendo a inocuidade de qualquer solução “não – científica” para os problemas humanos. (CASTRO: 1995,54).

É importante perceber, dessa maneira, que é para além da sala de aula, no processo de “socialização” que se completava a formação dos jovens oficiais. Isto é, no interior das sociedades científicas, literárias e filosóficas, mantidas pelos próprios alunos, que existiram na Escola Militar. No período de 1874-1889, Castro (1995), destaca a existência de algumas sociedades: “Fênix Literária”, “Recreio Instrutivo”, “Clube Academia”, “Amor a Tribuna” e “Família Acadêmica”, além de associações abolicionistas, republicanas e artísticas.

É possível observar que nessa escola os estudos teóricos mereciam mais atenção do que os estudos práticos. Esses eram bem deficientes, havendo dessa forma, um desprezo dos oficiais “científicos” aos “tarimbeiros”. O que se acentuava ainda mais as diferenças entre os oficiais formados pela Escola Militar da Praia Vermelha e o restante do exército.

Além disso, os jovens militares ainda enfrentavam um baixo status social, os jovens bacharéis em direito tinham caminhos abertos nos cargos de função pública, nos quadros administrativos e na política. Já os jovens oficiais “cientificistas” formados na Praia Vermelha, lutavam por uma posição melhor nesse campo dominado pelos bacharéis em direito, a Escola Militar da Praia Vermelha era antes que militar rival das academias civis. (CASTRO: 1995.51).

Assim o conteúdo mais “técnico” do ensino militar diferenciava-se na educação centrada nos “estudos clássicos”, dos bacharéis das Escolas de Direito e de Medicina do Império, por isso, eram considerados inferiores. Contudo a escola militar também concedia os títulos de bacharéis em matemáticas e ciências físicas. No primeiro número da *Informação Goyana* o artigo escrito por Eduardo Sócrates, ex - aluno da Praia Vermelha, sobre a importância do surgimento da revista e mostrando de maneira implícita que o problema maior enfrentado por Goiás no seu desenvolvimento era a falta de preparo dos bacharéis que controlavam o poder político do Estado:

“O mal goyano e o de todo Brasil, é a políicagem infrene professada por todos, com prejuízo dos interesses geraes do Estdo.

Todos se esforçam para exercer dominio politicos e açambar os empregos, mas quasi ninguem cogita do trabalho, que é a fonte de riqueza publica, como da particular...

A propaganda é o melhor rastilho para conseguir impressionar massas populares, transmittindo-lhes déas, que ellas acolhem com fervor...

Precisamos, nós goyanos, orientar o nosso povo e dar- lhe a noção do trabalho fecundo, como condição imprescentivel do engradecimento de nosso Estado.

“A Informação Goyana” surge pois impregnada neste ambiente convecida destas necessidades, desta convenienncias, que precisa incutir no povo goyano.(A informação Goyana Agost. de 1917,p.26)

O primeiro aspecto que percebemos nesse trecho é a referência, mesmo que “entre linhas”, aos bacharéis que dirigem a política em Goiás, que seriam corruptos e incapazes de

atender as necessidades do Estado. A expressão “nós goyanos”, refere-se aos colaboradores e escritores da *Informação Goyana*, as quais cabem a tarefa de orientar o povo de Goiás ao progresso e ao conhecimento ou integração com as áreas centrais do país. Assim, cabiam a esse grupo de oficiais “cientistas” formados na Escola da Praia Vermelha construir um saber teórico sobre Goiás, baseado em “factos e algarismos exactos”, como a ciência.

A Escola da Praia Vermelha formou para além de militares, bacharéis fardados, engenheiros, políticos, burocratas, publicitários, sanitaristas arquitetos e também militares. (NEPOMUCENO, 2003:81). Profissionais que constituíam o corpo de escritores e colaboradores da revista aqui analisada. Esses traçaram como objetivo ao se agruparem já dentro dessa instituição de ensino o desafio de construir uma teoria sobre o *Brazil-Central*, em especial de Goiás, para tanto usam o conhecimento com base científica, para definir a “lei” que determinaria o papel do Estado no conjunto do Brasil. O objetivo maior era se integrar às “prosperas zonas do paiz” e enfatizando que o estado de Goiás praticamente desconhecido tinha muito a oferecer para o maior desenvolvimento do Brasil.

È nesse aspecto que passamos para o segundo período que Herschmann e Pereira (1994) analisam, isto é, de 1920 a 1937, grande parte do período em que a *Informação Goyana* foi editada, trazendo em suas páginas os reflexos do contexto vivenciando por seus autores.

A LUTA PELA INTEGRAÇÃO NACIONAL: SERTÃO E LITORAL:

Nas primeiras décadas do século XX, foram organizadas comemorações relacionadas ao centenário de independências em muitos países da América Latina. Essas comemorações resultaram em ensaios e reflexões em torno dos problemas nacionais, e uma busca de soluções para eles. Assim, uma tentativa de revisão das identidades nacionais, uma busca calcada em novas bases, para recuperar as origens e valorizar a cultura popular e as tradições. (CAPELATO, 2005.p.260).

No caso do Brasil, a partir da independência a preocupação com a caracterização da nação como um corpo independente, separado da metrópole, tendo uma história própria passou a ser uma das prioridades tanto do governo quanto dos intelectuais. Estabeleceu-se um duplo confronto, primeiro, entre a nação recém – constituída, no caso do Brasil uma república que nascia, frente ao mundo civilizado e segundo, o fato dessa nação esta frente a um desafio de estabelecer uma identidade própria (NAXARA, 1992:181). Assim, na busca de um Brasil moderno, a questão da constituição de uma identidade nacional se torna importante.

Nesse sentido, Herschmann e Pereira (1994) apresentam que ao contrário do período entre 1870 até 1920, as décadas de 20 e 30 vão se caracterizar no Brasil de uma busca da “identidade nacional” calcada sobre a afirmação da “força nativa”, o momento era assim de “descoberta ou redescoberta do Brasil”. Os anos de 20 e 30 vão se configurar, nesse aspecto, como um momento de redefinição político-econômica como também cultural. Na busca de um “Brasil Moderno”, os intelectuais da época vão discutir o tema da “identidade nacional”, para responder a pergunta central “que país é esse?” Resultando daí vários discursos de correntes diferentes, como médicos, engenheiros e educadores que procuram saídas para o desenvolvimento nacional.

Apresentam assim, uma rápida seleção dos acontecimentos marcantes nos anos de 20 a 30 para demonstrar as transformações que o país passou nessas décadas e como foi o impacto dessas mudanças. O que nos interessa aqui é mostrar que por se tratar do cenário intelectual, cultural e político é que a *Informação Goyana* surge, e que aos poucos as evidências de um ideário de um “Brasil Moderno” vão se tornando mais claras, fazendo com que “os intelectuais explicitassem suas posições nas tensões dos debates ideológicos que se acirravam”. (Herschmann e Pereira :1994,35).

Começando com 1918 Herschmann e Pereira (1994) narram o momento em que os anarquistas tentaram pôr em prática um plano para tomar o poder, no Rio de Janeiro e foram combatidos e reprimidos pela polícia. A reação a esse plano também foi sentida na lei promulgada que regulava a repressão ao anarquismo, tema recorrente nas próximas décadas no Brasil. Em seguida, Herschmann e Pereira (1994) voltam a 1920 para citar a inauguração da Universidade do Rio de Janeiro , primeira que reunia todos as escolas isoladas existentes desde o século XIX. Em 1922, temos:

“... dois eventos importantes: a Semana de Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista. Em 1924, Graça Aranha escandaliza a Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, com a conferência “O Espírito moderno”, enquanto Oswald de Andrade publica o “Manifesto pau-brasil”. Em 1925, a Coluna Prestes inicia sua marcha pelo Brasil. Em 1926, é fundada a Federação das Indústrias de São Paulo; em 1927, é declarada a ilegalidade do recém Partido-Comunista. No final da década , em 1928, aparecem três textos fundamentais: ”Manifesto Antropofágico” (Oswald de Andrade), Macunaíma (Mário de Andrade) e o Retrato do Brasil (Paulo Prado). (Herschmann e Pereira: 1994,35).

Esse cenário foi fundamental segundo os autores por sintetizarem o clima intelectual vivido na época. A noção de antropofagia apoiava-se na metáfora da “devoração” dos elementos da colonização para uma resistência cultural da “força nativa”. Nesse sentido, o antropofagismo explicita uma tentativa de resposta a questão da “identidade

cultural/nacional” de um país colonizado que procura se afirma diante das grandes metrópoles e de si mesma.

Quanto à década de 1930, Herschmann e Pereira (1994), enfatizam que período de institucionalização do “ideário moderno”. Com a Revolução de 1930, se dá a construção de um arcabouço institucional para as idéias modernas. Ou seja, o momento era de institucionalizar as idéias modernas nos vários “lugares”, socialmente disponíveis e isso acontecia na medida em que se acirrava uma onda crescente de autoritarismo. Assim, uma nova regra, um novo jogo de comportamentos “modernos” que tomava corpo. Seguindo a agitação cronológica temos na década de 1930:

“Em 1930 Luiz Carlos Prestes lança manifesto de adesão ao comunismo, enquanto, em outubro, com a Revolução, Getúlio Vargas é nomeado Chefe do Governo Provisório. Em 1933, Gilberto Freyre lança *Casa grande & senzala*, ensaio até hoje polêmico que vinha inverter ou pelo menos transformar boa parte da imagem que os intelectuais, dentro e fora do Brasil, tinham sobre o país. Em 1934, o mesmo Freyre realiza o I Congresso Afro-Brasileiro e Arthur Ramos publica dois trabalhos importantes: *O negro brasileiro/etnografia religiosa e Psicanálise e psiquiatria...*” (Herschmann e Pereira: 1994,36).

Chegada à proclamação do Estado Novo em 1937, os autores ressaltam que, essa nova situação política vai colocar a claro o modo de como no Brasil se daria modernização. Alguns aspectos levantados são: o autoritarismo, a exclusão dos segmentos sociais, a prevalência do Estado sobre a sociedade civil, a fragilidade da noção de cidadania, tudo isso aliado a um discurso fortemente ufanista, que “consolidava” uma aliança, nem sempre igualmente vantajosa para a todas as partes, entre o Estado, o “povo” e os diferentes intelectuais, associando assim no Brasil assim, a construção de uma nação “moderna” com a prevalência do Estado autoritário, isto é, inibidor dos espaços da sociedade civil e da cidadania. (Herschmann e Pereira: 1994,37).

Reiterando a idéia de que, nesse ambiente os intelectuais goianos editaram no Rio de Janeiro *A Informação Goyana*, capital federal e lugar de efervescência desse ideal de um Brasil moderno. E que esses personagens históricos pretendiam era também integrar Goiás nessa reflexão ou nesta busca identitária. Percebemos que inseridos nesse contexto passam a repensar as terras goianas e suas representações externamente (para o país), e internamente (para os próprios goianos).

Nessa perspectiva entendemos que a identidade, é relacional, pois depende, para existir, de algo exterior a ela, de uma outra identidade que ela não é, mas que fornece condições para sua existência. Assim a constituição identitária é marcada pela diferença, sendo esta tratada com menor ou maior importância, dependendo do lugar ou do momento em particular. A

identidade é dessa forma marcada pela diferença e sua construção é tanto simbólica quanto social (WOODWARD, 2000:10).

Nesse aspecto, percebemos que esse grupo de goianos direciona o seu olhar para Goiás e se questionam sobre a identidade de sua terra natal e de sua gente quando se encontra em um local diferente, a capital federal, referência de modernidade e desenvolvimento, para o país no momento. Local escolhido para estudar e morar, o que vai influenciar em uma nova forma de pensar e representar o seu Estado de origem. Enfim é fora de “casa”, em um lugar “estrangeiro”, no qual se tem o contado com o “outro” diferente que as identidades são reafirmadas e ao mesmo tempo reelaboradas.

Reiteremos aqui também que, *A Informação Goyana* surgiu em 1917, data que marca acontecimentos importantes. O fim da Primeira Guerra, conflito que teve importante repercussão no Brasil, os preparativos para a comemoração do Centenário da Independência, que reaviva estudos e análises dos problemas que a sociedade brasileira enfrentava. Enfim um momento de preocupação com os rumos da nação, e que tipo de “Brasil Moderno” se pretendia ter, e que passa pela questão de qual é a identidade ou as várias identidades dos brasileiros. Essa questão foi assim pensada por diferentes ramos, intelectuais, culturais e profissionais, como médicos, engenheiros, educadores, artistas entre outros.

Nesse cenário um importante traço do ambiente intelectual das primeiras décadas do século XX, surgiu: o confronto entre sertão e litoral. A relação região-nação é reveladora de um tipo de pensamento que pretende difundir as tradições populares, fixando no interior a idéia de nacionalidade. O esforço de parte da elite intelectual goiana em defender as riquezas de seu estado e de conferir importância aos estados interioranos é parte de uma estratégia política na qual pede-se a inclusão dessas regiões no espaço econômico e político da nação. O sentimento de pertencimento à coletividade nacional dilui-se frente às precárias condições de vida da gente goiana. (SANDES, 2000, p. 117).

È importante fazer aqui um parêntese para discutir essa relação entre Sertão e Litoral, traçada especialmente nessas primeiras décadas da república brasileira, tema que vai perpassar de maneira explícida e implícida as páginas da *Informação Goyana*.

Lúcia Lippi Oliveira (1998) nos esclarece que o lugar geográfico ou social identificado como sertão vem imbuída ora com aspectos positivos, ora com aspectos negativos e que essa definição abrange traços, e culturais. Dentro desses traços, temos as seguintes definições: região, agreste, semi-árida, longe do litoral, distante do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoadas e onde predominam as tradições e os costumes antigos.

Ainda mais, lugar inóspito desconhecido, que proporciona uma vida difícil, mas é habitado por pessoas fortes. Essa força é relacionada com a capacidade que essas pessoas têm em interagir com a natureza, um héroi sertanejo que sobrevive as adversidades. Além disso, aparece no imaginário social a idéia de que existem muitos sertões , não só um e que o sertão pode e deve ser tomado como metáfora do Brasil. (OLIVEIRA, 1998:197).

Nesse intuito, Oliveira ainda mostra que existem duas perspectivas na conotação do sertão quando se trata do seu espaço geográfico e seus habitantes. Portanto, na tradição romântica , o sertanejo, aparece como símbolo da nacionalidade , resultado de seu admirável modo de vida, caracterizado pela destreza e simplicidade. Nesse julgamento positivo aparece assim a natureza e organização social do sertanejo se opondo à vida degradada e corrompida do litoral, isto é , das cidades. Já na perspectiva realista, a vida no sertão perde essa visão idealizada e passa a ser vista como um problema nacional, que se opõe a urbanidade do litoral. Nesse sentido as luzes das visões científicas do fim do século XIX e as explicações raciais dão ao sertão o lugar da raça degenerada. . (OLIVEIRA, 1998:197).

Nessa linha de raciocínio Nísia Trindade Lima (1998), mostra que um denominador comum para os vários significados a palavra sertão, é a idéia de distância em relação ao poder público e a projetos modernizadores. Nesse sentido ela mostra que para os intelectuais – cientistas do primeiro período republicano , sertão integra o mesmo campo semântico de incorporação , progresso, civilização e conquista. Partindo desse pensamento o sertão é então encarado, por um lado, como uns dos pólos do dualismo que contrapõe o atraso ao moderno, e é analisado como o espaço que domina a natureza e a barbárie. No outro pólo, o litoral como o espaço da civilização e da modernidade.

Assim o dualismo Sertão/Litoral apresenta segundo Lima duas faces. Primeiro aquela em que é representado negativamente há qual o sertão é identificado como a resistência ao moderno e ao civilizado. O segundo se inverte, ou seja, o litoral é apresentado como sinônimo de inautenticidade, como antítese da nação. Dessa forma os que valorizam ou trabalham de forma ambivalente o sertão, o percebem como a possibilidade do desenvolvimento de uma autêntica consciência nacional. (LIMA: 1998, 167). Não é por acaso que a revista aqui analisada se denomina como: “*Revista mensal, ilustrada e informativa das possibilidades econômicas do Brasil Central*”.

Em junho de 1920, temos na *Informação Goyana*, um artigo escrito por Ruy Barbosa, proferido por ele em uma conferência sobre o “sertão bahiano” e de uma forma geral ao sertão brasileiro e seus habitantes. O artigo intitulado - *Pelo “Hinterland”* - nos mostra como a

revista vai representar o sertão brasileiro, seus habitantes e sua importância para a construção de uma nação moderna.

O artigo é assim, dividido em três partes, a primeira Ruy Barbosa trata da bravura do homem do sertão diante da natureza selvagem e hostil, segundo ele descreve algumas cenas da vida sertaneja que considera importantes para demonstrar a “bravura” e a “doçura” de sua gente definindo aí o que é sertão. E por último conclama a volta ao sertão e suas fontes genuínas do Brasil.

Nesse sentido começa, apresentado sertanejo como, aquele que:

“Em si mesmo a trazia de seu berço, da sua história, das suas tradições, da essência do seu ser. Estirpe de bravos, de soffredores, de obreiros incansáveis de lidadores sem pavor, reúne-se a índole dos justos a tempera dos leões. Tremenda luta com a natureza adquiriu a raiz das virtudes, em que se orlam os povos de cidadãos. Recebeu do meio agreste e hostil à couraça da intrepidez moral...” (A informação Goyana junho de 1920, p504).

Observamos que o autor trata o homem sertanejo em uma das perspectivas, que OLIVEIRA (1998) reconhece para se representar o sertão. Dessa forma o “interior do Brasil” é considerado como um lugar inóspito desconhecido, o que resulta em uma vida difícil. Entretanto, é habitado por pessoas fortes, capazes de interagir com a natureza, um herói sertanejo que sobrevive a adversidades e traz consigo características ou virtudes importantes para formar um cidadão, como a “bravura e a moral”.

Continuando essa primeira parte Ruy Barbosa ainda completo mencionando a influência que o litoral com toda a sua civilidade trazem para o sertão, uma ação desastrosa que em nada ajuda a vida do sertanejo, que como ele já demonstrou acima nasce em si próprio sua história, suas tradições e sua essência: “As influências da nossa chamada civilização, que ocorrem do litoral para o interior, bem fora de cursarem ali como os sopros benignos do mar, como esses ventos alisados, refrigerantes das regiões intertropicas, requeimam, esterilizam e devastam...” (A informação Goyana junho de 1920, p504).

Na segunda parte de seu artigo o autor descreve cenas da vida sertaneja que segundo ele demonstra toda a hospitalidade, respeito das famílias que vivem no sertão reafirmando a sua constituição moral, essas cenas cotidianas exala assim: “...um aroma de suavidade, uma expressão de entusiasmo, de fé, de reconditas virtudes, aspirações ardentes e candidas esperanças, que só uma sociedade transbordante de amor moral seriam concebidos.” ... (A informação Goyana junho de 1920, p504).

Por fim Ruy Barbosa define, o sertão como:

“O sertão, senhores, é isso; uma resistência invencível a tudo, uma vitalidade a tudo superior, o conjunto de todas as condições nas quais se revelam a bondade prestimosa e a força bemfazente. Elegantes da flora sertaneja, fies alegorias de uma região e de uma raça; indiferença às intempéries, a resignação nos trabalhos, a benevolência no vigor, a firmeza no sentimentos...” (A informação Goyana junho de 1920, p504).

Uma definição assim realista, das dificuldades de se viver no sertão e o abandono institucional que se encontravam seus habitantes, o sertão como aquele lugar distante do poder público ou da administração pública, e ao mesmo tempo romântica, o sertanejo, como símbolo da nacionalidade brasileira, resultado de seu admirável modo de vida, caracterizado pela destreza, simplicidade e pelos seus sentimentos morais.

Para terminar seu artigo Ruy Barbosa, chama assim seus ouvintes e leitores a voltar rumo ao sertão, para conhecer o próprio Brasil, demonstrando seu sentimento ao penetrar nessas regiões interioranas, o autor descreve que:

... ao penetrar nessas regiões , cuja originalidade não se deixa perceber aos que lhe não chegam ao contacto, no mesmo ponto ,me senti suspenso e transportado, tive, no mesmo ponto , a intuição de que me encontrava com alguma coisa para mim , nova em minha terra:A força, Senhores, sim , a grande Força , não a Força da grosseria , mas a Força da Creação e da Belleza, a Força na innocencia e divindade, o poder em summa, de querer o bem e vencer o mal .(A informação Goyana junho de 1920,p504).

Nessa perspectiva, o sertão é aqui concebido como possibilidade, o lugar que deve ser retomado para se encontrar o brasileiro e sua identidade. E o elemento dessa identidade encontrado no sertão é a “Força”, do sertanejo, a sua força criativa e mais ainda produtiva ao lidar com a natureza difícil que o circunda.

Assim o teor das idéias divulgadas pela revista possibilita perceber a estreita ligação a esse cenário nacional. Demonstrando e divulgando os atributos do *Brasil – Central* e, simultaneamente discutindo as possibilidades de explorá-los, esse grupo de intelectuais esperavam convencer as autoridades políticas, os homens de negócios e os “sábios” do país de que Goiás tinha um importante papel na construção da nacionalidade brasileira.

Contudo, a construção da nacionalidade passa,segundo os intelectuais de *A Informação Goyana*, necessariamente pela superação das distâncias que separavam o *Brazil Central* do litoral. Ou seja, a construção de uma unidade nacional, passava pela ampliação dos meios de transportes e comunicação modernos, integrando definitivamente o *Brasil - Central* aos centros dinâmicos da economia. Não se tratava de adicionar o sertão ao litoral, mas de articular com maior dinamismo e vigor sertão e litoral, recriando sobre novas bases o Brasil.

Nas primeiras décadas do século XX, chegam a Goiás os primeiros trilhos da Estrada de Ferro Goyaz, ¹⁶ que foi paralizada na estação de Roncador desde 1914. Assim, uma das principais bandeiras da revista refere-se ao prolongamento da estrada de ferro. Concomitantemente, ela encampa a luta pelos transportes rodoviários e fluviais (a

¹⁶ Ver, BORGES, Barsanufio.G. O despertar dos dormentes. Goiânia, UFG 1990.

possibilidade de navegação pelos rios Araguaia e Tocantins), motivada pela compreensão de sua importância econômica. A partir de 1917 *A Informação Goyana* tornou-se, dessa forma, foco mais ativo da luta pela ferrovia. Seus escritores abraçaram essa idéia e a transformaram em campanha, expressando-a nas páginas da revista e fazendo-a circular, lutando para imprimir maior dinamismo á sua concretização.

A revista noticiou, ao longo dos anos, a multiplicação das empresas de transporte rodoviário, de carga e de passageiros, quase inteiramente assumida por homens de negócios de Goiás, bem como a abertura de estradas, a construção de pontes, a fundação de empresas de transportes e linhas postais, entre outros. Isso para demonstrar que havia em Goiás uma predisposição para o progresso.

Um exemplo é o artigo publicado em 15 de outubro de 1917, por Ayres da Silva, intitulado “O Problema do Transporte”. O articulista enfatiza que: “Si um problema existe que sobre todos os outros, deve merecer a atenção, não já dos goyanos, mas dos brasileiros em geral, este problema é o de transporte”.¹⁷ Demonstra dessa forma, que não é um problema exclusivamente goiano. O Brasil como um todo e especificamente Goiás tem incontáveis riquezas para contribuir no desenvolvimento do país, contudo os meios de transporte se configuram em um problema. Para, além, as possibilidades que existiam não eram devidamente exploradas pelo governo federal pela falta de investimento, um exemplo claro que Ayres coloca é a falta de estudo e investimento nos rios Araguaia e Tocantins, que poderiam se transformar em um importante meio de transporte.

Enfim, essa questão dos meios de transporte se mostra muito importante durante todos os anos da existência da revista e nos remete à questão do abandono e do isolamento do estado de Goiás. Isolamento físico que se confundia com isolamento político e cultural e, além disso, reafirmava a aparência de uma região atrasada. Nesse sentido, a representação de Goiás vinculada pela *A Informação Goyana*, se contrapõe a esse estigma do atraso.

Além, disso, a nossa pesquisa ainda contará com mais duas partes que estão sendo desenvolvidas. Estas terão os seguintes objetivos, primeiro, realizar a análise do discurso da *Informação Goyana*, considerando que a revista se configura em um campo político ideológico, um veículo que forma opiniões pautadas em certos interesses e formadas em uma determinada conjuntura histórica. Será importante evidenciar a utilização da empresa em Goiás como instrumento de poder seja para forma certa consciência sobre o *Brazil - Central* ou como voz política. Procuraremos ainda analisar o discurso nas páginas da revista, partindo

¹⁷ *A Informação Goyana*, 15 de outubro de 1917. p.55

do seu objetivo principal, demonstrando de que forma seus articulistas apresentam para o Brasil e para os próprios goianos que havia já em Goiás um projeto de modernidade e desenvolvimento em curso.

A segunda parte a ser desenvolvida tem assim, como objetivo, mostrar os elementos constitutivos da identidade goiana percebidos nas matérias d'*A Informação Goyana*. Ou seja, entendendo que a estratégia principal desses articulistas para representar o Estado, era a construção de uma identidade moderna para os goianos, identificaremos nas páginas da revista os elementos constitutivos ou fundadores dessa identidade.

BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas

- BENEDICT, Anderson. Nação e Consciência Nacional. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo. Ed. Ática, 1989. pp.65-72.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Regionalismo. In: _____. Dicionário de Política. Tradução: Carmen C. Varriale et al. 3. ed. Brasília; Linha Gráfica, 1991, v.2.
- BORGES, Barsanufio.G. O despertar dos dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1992. Goiânia: Ed UFG 1990.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução á Análise do Discurso*. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1991.
- BRASIL Americano do. Pela História de Goiás. Goiânia: Ed.UFG,1980,pp.13-19.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. A Imprensa na história do Brasil-São Paulo: Contexto EDUSC, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Modernismo latino-americano e a construção identidade através da pintura. Revista de História. n.1,1950, São Paulo: Nobel, 198.p.30-34.

-CASTRO Celso. Os Militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

-HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto M. O Imaginário moderno no Brasil. In: HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto M. (org). A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia no Brasil nos anos 20-30. p.9-43. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

-LIMA, Nísia Trindade..Missões Civilizatórias da República e Interpretação do Brasil In: História, Ciências, Saúde - Manguinhos. vol. V(suplemento), 163-193, junho 1998.

- MARTINS, Ana Luiza. República: um outro olhar. São Paulo: Contexto, 1999, p.41.

- NAXARA, Márcia Regina Capelari. A Construção da Identidade: um Momento Privilegiado. Revista Brasileira de História-Órgão da Associação Nacional Dos Professores Universitários de História-São Paulo. ANPUH / Marco Zero, vol. 12, nº23/24, setembro 91/ agosto 92.

-NEPOMUCENO, Maria Araújo. *O Papel Político-Educativo De A INFORMAÇÃO GOYANA Na Construção Da Nacionalidade*. Goiânia: Ed. da UFG, 2003.

_____. A Escola Militar da Praia Vermelha e o Caráter “Sue Generis” da Formação de seus oficiais. In: Universidade e Sociedade/ Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, - Volume 1, no.1 (fev.1991) – Brasília (DF) O Sindicato, 1991.

- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos. vol. V(suplemento), 195-215, junho 1998.

-SANDES, Noé freire. A invenção da nação: entre a monarquia e a república. Goiânia: Ed. da UFG: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000.

-SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.p.10.

-Tavares, Giovana G. Divulgação Científica e Recursos Naturais: O Papel da Revista Informação Goyana Na Construção da Imagem do Estado de Goiás, 1917 - 1935. in: I Simpósio de Pesquisa em Ensino e História de Ciências da Terra e III Simpósio Nacional Sobre Ensino de Geologia no Brasil. Unicamp, 2000.

Teles José M. (1986). *Memórias goianienses I*. Goiânia: Editora UCG. pp.09-35.

ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa – Algumas Considerações Metodológicas. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e de Departamento de História. nº4, p. 89-102. São Paulo: EDUSC, junho 1985.

-Fonte:

-A *INFORMAÇÃO GOYANA*. Governo do Estado de Goiás. Goiânia: AGEPEL, 2001. (Reprodução fac-similar da coleção completa da revista publicada no Rio de Janeiro por Henrique Silva e Americano do Brasil, no período de agosto de 1917 a maio de 1935).